

O Livro dos Espíritos



Allan Kardec

LIVRO II – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
CAPÍTULO V – Considerações sobre a Pluralidade das existências

Índice

Assunto	Origem	Página
I – Considerações sobre a Pluralidade das Existências	O Livro dos Espíritos	03
Os dez princípios básicos do Espiritismo: Um resumo mais completo da Doutrina	O Consolador	09
Ressurreição ou reencarnação?	O Consolador	13
O porquê da Vida	O Consolador	16

Livro segundo – Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos
Capítulo V – Considerações sobre a Pluralidade das Existências

I – Considerações sobre a Pluralidade das Existências

222. Não é novo, dizem alguns, o dogma da reencarnação; ressuscitaram-no da doutrina de Pitágoras. Nunca dissemos ser de invenção moderna a Doutrina Espírita. Constituindo uma lei da Natureza, o Espiritismo há de ter existido desde a origem dos tempos e sempre nos esforçamos por demonstrar que dele se descobrem sinais na antiguidade mais remota. Pitágoras, como se sabe, não foi o autor do sistema da metempsicose; ele o colheu dos filósofos indianos e dos egípcios, que o tinham desde tempos imemoriais.

A ideia da transmigração das almas formava, pois, uma crença vulgar, aceita pelos homens mais eminentes. De que modo a adquiriram? Por uma revelação, ou por intuição?

Ignoramo-lo. Seja, porém, como for, o que não padece dúvida é que uma ideia não atravessa séculos e séculos, nem consegue impor-se a inteligências de escol, se não contiver algo de sério. Assim, a ancianidade desta doutrina, em vez de ser uma objeção, seria prova a seu favor. Contudo, entre a metempsicose dos antigos e a moderna doutrina da reencarnação, há, como também se sabe, profunda diferença, assinalada pelo fato de os Espíritos rejeitarem, de maneira absoluta, a transmigração da alma do homem para os animais e reciprocamente.

Portanto, ensinando o dogma da pluralidade das existências corporais, os Espíritos renovam uma doutrina que teve origem nas primeiras idades do mundo e que se conservou no íntimo de muitas pessoas, até aos nossos dias.

Simplesmente, eles a apresentam de um ponto de vista mais racional, mais acorde com as leis progressivas da Natureza e mais de conformidade com a sabedoria do Criador, despindo-a de todos os acessórios da superstição. Circunstância digna de nota é que não só neste livro os Espíritos a ensinaram no decurso dos últimos tempos: já antes da sua publicação, numerosas comunicações da mesma natureza se obtiveram em vários países, multiplicando-se depois, consideravelmente.

Talvez fosse aqui o caso de examinarmos por que os Espíritos não parecem todos de acordo sobre esta questão. Mais tarde, porém, voltaremos a este assunto.

Examinemos de outro ponto de vista a matéria e, abstraindo de qualquer intervenção dos Espíritos, deixemo-los de lado, por enquanto. Suponhamos que esta teoria nada tenha que ver com eles; suponhamos mesmo que jamais se haja cogitado de Espíritos.

Coloquemo-nos, momentaneamente, num terreno neutro, admitindo o mesmo grau de probabilidade para ambas as hipóteses, isto é, a da pluralidade e a da unicidade das existências corpóreas, e vejamos para que lado a razão e o nosso próprio interesse nos farão pender.

Muitos repelem a ideia da reencarnação pelo só motivo de ela não lhes convir. Dizem que uma existência já lhes chega de sobra e que, portanto, não desejariam recomeçar outra semelhante.

De alguns sabemos que saltam em fúria só com o pensarem que tenham de voltar à Terra. Perguntar-lhes-emos apenas se imaginam que Deus lhes pediu o parecer, ou consultou os gostos, para regular o Universo.

Uma de duas: ou a reencarnação existe, ou não existe; se existe, nada importa que os contrarie; terão que a sofrer, sem que para isso lhes peça Deus permissão.

Afiguram-se nos os que assim falam um doente a dizer: Sofri hoje bastante, não quero sofrer mais amanhã. Qualquer que seja o seu mau humor, não terá por isso que sofrer menos no dia seguinte, nem nos que se sucederem, até que se ache curado.

Conseqüentemente, se os que de tal maneira se externam tiverem que viver de novo, corporalmente, tornarão a viver, reencarnarão. Nada lhes adiantará rebelarem-se, quais crianças que não querem ir para o colégio, ou condenados, para a prisão. Passarão pelo que têm de passar. São demasiados pueris, semelhantes objeções, para merecerem mais seriamente examinadas. Diremos, todavia, aos que as formulam que se tranquilizem, que a Doutrina Espírita, no tocante à reencarnação, não é tão terrível como a julgam; que, se a houvessem estudado a fundo, não se mostrariam tão aterrorizados; saberiam que deles dependem as condições da nova

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo V)

existência, que será feliz ou desgraçada, conforme ao que tiverem feito neste mundo; que desde agora poderão elevar-se tão alto que a recaída no lodaçal não lhes seja mais de temer.

Supomos dirigir-nos a pessoas que acreditam num futuro depois da morte e não aos que criam para si a perspectiva do nada, ou pretendem que suas almas se vão afogar num todo universal, onde perdem a individualidade, como os pingos da chuva no oceano, o que vem a dar quase no mesmo. Ora, pois: se credes num futuro qualquer, certo não admitis que ele seja idêntico para todos, porquanto, de outro modo, qual a utilidade do bem? Por que haveria o homem de constranger-se? Por que deixaria de satisfazer a todas as suas paixões, a todos os seus desejos, embora à custa de outrem, uma vez que por isso não ficaria sendo melhor, nem pior? Credes, ao contrário, que esse futuro será mais ou menos ditoso ou inditoso, conforme ao que houverdes feito durante a vida e então desejais que seja tão afortunado quanto possível, visto que há de durar pela eternidade, não? Mas, porventura, teríeis a pretensão de ser dos homens mais perfeitos que hajam existido na Terra e, pois, com direito a alcançardes de um salto a suprema felicidade dos eleitos? Não. Admitis então que há homens de valor maior do que o vosso e com direito a um lugar melhor, sem daí resultar que vos conteis entre os réprobos. Pois bem! Colocai-vos mentalmente, por um instante, nessa situação intermédia, que será a vossa, como acabastes de reconhecer, e imaginar que alguém vos venha dizer: Sofreis; não sois tão felizes quanto poderíeis ser, ao passo que diante de vós estão seres que gozam de completa ventura.

Quereis mudar na deles a vossa posição? — Certamente, responderéis; que devemos fazer? — Quase nada: recomeçar o trabalho mal executado e executá-lo melhor. — Hesitaríeis em aceitar, ainda que a poder de muitas existências de provações?

Façamos outra comparação mais prosaica. Figuremos que a um homem que, sem ter chegado à miséria extrema, sofre, no entanto, privações, por escassez de recursos, viessem dizer: Aqui está uma riqueza imensa de que podes gozar; para isto só é necessário que trabalhes arduamente durante um minuto. Fosse ele o mais preguiçoso da Terra, que sem hesitar diria: Trabalhemos um minuto, dois minutos, uma hora, um dia, se for preciso. Que importa isso, desde que me leve a acabar os meus dias na fartura? Ora, que é a duração da vida corpórea, em confronto com a eternidade?

Menos que um minuto, menos que um segundo.

Temos visto algumas pessoas raciocinarem deste modo:

Não é possível que Deus, soberanamente bom como é, imponha ao homem a obrigação de recomeçar uma série de misérias e tribulações.

Acharão, porventura, essas pessoas que há mais bondade em condenar Deus o homem a sofrer perpetuamente, por motivo de alguns momentos de erro, do que em lhe facultar meios de reparar suas faltas? “Dois industriais contrataram dois operários, cada um dos quais podia aspirar a se tornar sócio do respectivo patrão. Aconteceu que esses dois operários certa vez empregaram muito mal o seu dia, merecendo ambos ser despedidos.

Um dos industriais, não obstante as súplicas do seu, o mandou embora e o pobre operário, não tendo achado mais trabalho, acabou por morrer na miséria. O outro disse ao seu:

Perdeste um dia; deves-me por isso uma compensação.

Executaste mal o teu trabalho; ficaste a me dever uma reparação.

Consinto que o recomeces. Trata de executá-lo bem, que te conservarei ao meu serviço e poderás continuar

aspirando à posição superior que te prometi.” Será preciso perguntemos qual dos industriais foi mais humano?

Dar-se-á que Deus, que é a clemência mesma, seja mais inexorável do que um homem?

Alguma coisa de pungente há na ideia de que a nossa sorte fique para sempre decidida, por efeito de alguns anos de provações, ainda quando de nós não tenha dependido o atingirmos a perfeição, ao passo que eminentemente consoladora é a ideia oposta, que nos permite a esperança.

Assim, sem nos pronunciarmos pró ou contra a pluralidade das existências, sem preferirmos uma hipótese a outra, declaramos que, se aos homens fosse dado escolher, ninguém quereria o julgamento sem apelação. Disse um filósofo que, se Deus não existisse, fora mister inventá-lo,

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo V)

para felicidade do gênero humano. Outro tanto se poderia dizer da pluralidade das existências. Mas, conforme atrás ponderamos, Deus não nos pede permissão, nem consulta os nossos gostos.

Ou isto é, ou não é. Vejamos de que lado estão as probabilidades e encaremos de outro ponto de vista o assunto, unicamente como estudo filosófico, sempre abstraindo do ensino dos Espíritos.

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo.

Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma?

Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1º Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?

2º Onde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3º Onde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4º Onde, em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5º Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6º Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton?

Qual a filosofia ou a teosofia (1) capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais.

Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões?

Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, juguete da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas as suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acreditais que todos nasceram na mesma ocasião.

Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas.

Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição a mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo V)

Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?

À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e à sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão somente homens cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, porém todos suscetíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme a justiça de Deus?

Vimos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1ª Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2ª O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3ª O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4ª Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5ª Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se vêem isentos das tribulações da vida?

Haverá alguma doutrina capaz de resolver esses problemas?

Admitam-se as existências consecutivas e tudo se explicará conformemente à justiça de Deus. O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu merecimento real e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos com que topem no caminho.

Essas questões facilmente se multiplicariam ao infinito, porquanto inúmeros são os problemas psicológicos e morais que só na pluralidade das existências encontram solução. Limitamo-nos a formular as de ordem mais geral.

Como quer que seja, alegar-se-á talvez que a Igreja não admite a doutrina da reencarnação; que ela subverteria a religião. Não temos o intuito de tratar dessa questão neste momento. Basta-nos o havermos demonstrado que aquela doutrina é eminentemente moral e racional. Ora, o que é moral e racional não pode estar em oposição a uma religião que proclama ser Deus a bondade e a razão por excelência.

Que teria sido da religião, se, contra a opinião universal e o testemunho da ciência, se houvesse obstinadamente recusado a render-se à evidência e expulsado de seu seio todos os que não acreditassem no movimento do Sol ou nos seis dias da criação? Que crédito houvera merecido e que autoridade teria tido, entre povos cultos, uma religião fundada em erros manifestos e que os impusesse como artigos de fé? Logo que a evidência se patenteou, a Igreja, criteriosamente, se colocou do lado da evidência. Uma vez provado que certas coisas existentes seriam impossíveis sem a reencarnação, que, a não ser por esse meio, não se consegue explicar alguns pontos do dogma, cumpre admiti-lo e reconhecer meramente aparente o antagonismo entre esta doutrina e a dogmática.

Mais adiante mostraremos que talvez seja muito menor do que se pensa a distância que, da doutrina das vidas sucessivas, separa a religião e que a esta não faria aquela doutrina maior mal do que lhe fizeram as descobertas do movimento da Terra e dos períodos geológicos, as quais, à

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo V)

primeira vista, pareceram desmentir os textos sagrados. Demais, o princípio da reencarnação ressalta de muitas passagens das Escrituras, achando-se especialmente formulado, de modo explícito, no Evangelho:

“Quando desciam da montanha (depois da transfiguração), Jesus lhes fez esta recomendação: Não faleis a ninguém do que acabastes de ver, até que o Filho do homem tenha ressuscitado, dentre os mortos. Perguntaram-lhe então seus discípulos: Por que dizem os escribas ser preciso que primeiro venha Elias? Respondeu-lhes Jesus: É certo que Elias há de vir e que restabelecerá todas as coisas.

Mas, eu vos declaro que Elias já veio, e eles não o conheceram e o fizeram sofrer como entenderam. Do mesmo modo darão a morte ao Filho do homem. Compreenderam então seus discípulos que era de João Batista que ele lhes falava.”

(São Mateus, cap. 17)

Pois que João Batista fora Elias, houve reencarnação do Espírito ou da alma de Elias no corpo de João Batista.

Em suma, como quer que opinemos acerca da reencarnação, quer a aceitemos, quer não, isso não constituirá motivo para que deixemos de sofrê-la, desde que ela exista, malgrado a todas as crenças em contrário. O essencial está em que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apoia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo. Logo, não é anti-religioso.

Temos raciocinado, abstraindo, como dissemos, de qualquer ensinamento espírita que, para certas pessoas, carece de autoridade. Não é somente porque veio dos Espíritos que nós e tantos outros nos fizemos adeptos da pluralidade das existências. É porque essa doutrina nos pareceu a mais lógica e porque só ela resolve questões até então insolúveis.

Ainda quando fosse da autoria de um simples mortal, tê-la íamos igualmente adotado e não havéramos hesitado um segundo mais em renunciar às ideias que esposávamos.

Em sendo demonstrado o erro, muito mais que perder do que ganhar tem o amor-próprio, com o se obstinar na sustentação de uma ideia falsa. Assim também, tê-la íamos repellido, mesmo que provindo dos Espíritos, se nos parecera contrária à razão, como repelimos muitas outras, pois sabemos, por experiência, que não se deve aceitar cegamente tudo o que venha deles, da mesma forma que se não deve adotar às cegas tudo o que proceda dos homens.

O melhor título que, ao nosso, ver, recomenda a ideia da reencarnação é o de ser, antes de tudo, lógica. Outro, no entanto, ela apresenta: o de a confirmarem os fatos, fatos positivos e por bem-dizer, materiais, que um estudo atento e criterioso revela a quem se dê ao trabalho de observar com paciência e perseverança e diante dos quais não há mais lugar para a dúvida. Quando esses fatos se houverem vulgarizado, como os da formação e do movimento da Terra, forçoso será que todos se rendam à evidência e os que se lhes colocaram em oposição ver-se-ão constrangidos a desdizer-se.

Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, se mantém inexplicável; que é altamente consoladora e conforme a mais rigorosa justiça; que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus, por misericórdia, lhe concedeu.

As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito. Eis o que se lê no Evangelho de São João, capítulo 3:

3. Respondendo a Nicodemos, disse Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus.

4. Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer já estando velho? Pode tornar ao ventre de sua mãe para nascer segunda vez?

5. Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não renascer da água e do Espírito, não poderá entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que eu te tenha dito: é necessário que torneis a nascer.

(Ver, adiante, o parágrafo “Ressurreição da carne”, nº 1010.) (2)

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo V)

(1) Kardec não se refere à doutrina da Sociedade Teosófica, que só foi fundada mais tarde, em 1875, mas a um sentido geral, como era então conhecida a palavra, ou seja, uma forma de conhecimento intuitivo ou racional das coisas divinas.

(2) A reencarnação está hoje provada, através dos casos de lembranças de vidas anteriores em crianças, de pesquisas hipnóticas de regressão da memória, de avisos mediúnicos de renascimento com sinais e condições posteriormente verificados.

Embora as Ciências oficiais ainda relutem em aceitar essas provas, a Ciência Espírita as considera válidas e esperar para breve a sua aceitação oficial

Especial

97 – 08/03/2009

O Consolador – (Leonardo Marmo Moreira)

I. Considerações sobre a Pluralidade das Existências

**Os dez princípios básicos do Espiritismo:
Um resumo mais completo da Doutrina.**

A Doutrina Espírita é constituída por um conjunto de conceitos interligados que são interdependentes, implicando em um todo altamente racional haja vista a coerência entre os tópicos em questão. Essa coerência, obviamente, ocorre em função de a Doutrina Espírita retratar a harmonia das Leis Universais de Deus, que são didaticamente organizadas pelo Codificador. Allan Kardec enfatizou os cinco princípios básicos do Espiritismo, a saber: Existência de Deus; Existência e Imortalidade da Alma; Comunicabilidade dos Espíritos; Pluralidade das Existências e Pluralidade dos Mundos Habitados.

Entretanto, a título didático, fundamentados estritamente na Codificação Kardequiana, poderíamos sugerir o acréscimo de mais cinco princípios (Fé Raciocinada; Lei de Causa e Efeito; Evolução Espiritual; Moral de Jesus e Verdadeira Religiosidade) a esse sintético conjunto, para que, em uma análise rápida, leigos e estudiosos pudessem vislumbrar, mesmo que de forma introdutória, todo o edifício filosófico do Espiritismo.

De fato, há muitos livre pensadores e adeptos de diversas correntes espiritualistas que aceitam os cinco tópicos básicos sem, necessariamente, possuírem quaisquer vínculos com o Espiritismo propriamente dito. Ora, se o Espiritismo foi o termo criado por Allan Kardec para designar a Doutrina dos Espíritos visando diferenciá-la das várias vertentes do Espiritualismo, isto se deu em função das deturpações (propositais ou não) que eventualmente poderiam ocorrer. Realmente, o Codificador não se equivocara, uma vez que desde o seu surgimento até os dias atuais o Espiritismo vem sendo, intencionalmente ou não, confundido com outras correntes filosófico-religiosas. Desta maneira, a utilização didática de 10 princípios básicos tornaria o Espiritismo menos sujeito a erros de interpretação doutrinários, uma vez que esses princípios, em conjunto, se reforçam e corroboram mutuamente, fornecendo uma noção muito mais clara das bases conceituais da Codificação. Saber o que o Espiritismo é e o que o Espiritismo não é, trata-se de pré-requisito conceitual fundamental a qualquer indivíduo que pretenda analisar, de forma minimamente isenta de preconceitos, quaisquer aspectos da Terceira Revelação, seja o estudioso em questão espírita ou não.

O corpo espiritual pode se afastar com maior ou menor intensidade do vaso orgânico

Assim sendo, sugerimos a consideração dos cinco tópicos adicionais, que são apresentados e discutidos a seguir, juntamente, com os cinco tópicos mais usuais.

1. Existência de Deus – Não havendo efeito sem causa, sob todos os aspectos em que se analise o Universo, é inevitável concluir que tamanha complexidade não poderia deixar de ter sido originada por uma causa superinteligente, isto é, o Criador. Realmente, o Efeito deve ser proporcional à Causa e, por conseguinte, pela exuberância do Efeito, infere-se a excelência dos Atributos intelecto-morais da Causa.

2. Existência e Imortalidade da Alma – Além dos fenômenos mediúnicos propriamente considerados, ou seja, das inumeráveis evidências de comunicação entre os chamados “mortos” e os “vivos”, existe uma gama de eventos paranormais denominados anímicos. Ambos os fenômenos sugerem fortemente a existência, relativa independência em relação ao corpo físico e imortalidade da alma. Os eventos anímicos são gerados pela própria alma do indivíduo encarnado, evidenciando a existência e até mesmo certa independência em relação ao corpo físico. Estes fenômenos de “Emancipação da Alma” demonstram o fato de o corpo espiritual

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo V)

(perispírito) poder se afastar com maior ou menor intensidade do vaso orgânico. Sono e sonhos, desdobramento (também chamado de “projeção da consciência” ou mesmo “viagem astral”), sonambulismo, êxtase, clarividência (também denominada “segunda vista”) e clariaudiência são exemplos de “Emancipação da Alma”. Vale registrar que os casos de mediunidade no leito de morte assim como as “Experiências de Quase-Morte (EQM)” têm fornecido extraordinárias evidências da existência e imortalidade da alma.

A proposta tradicional de um “Céu” e um “Inferno” eternos é algo completamente artificial

3. Comunicabilidade dos Espíritos – O primeiro e geral benefício do fenômeno mediúnico consiste na demonstração da imortalidade da alma através de diferentes mecanismos. A mediunidade pode se apresentar de variadas maneiras. Afirma o Apóstolo Paulo que “Há Diversidade de Dons, mas o Espírito é o Mesmo”, denotando que a mediunidade é inerente ao ser humano, mas, para cada criatura, o fenômeno apresenta diferentes peculiaridades e intensidades. Assim como ocorreu no passado, haja vista a abundância de manifestações mediúnicas exaradas em Livros Sagrados como a Bíblia e o Corão, os fenômenos continuam a ocorrer, modificando, no entanto, algumas especificidades em função da evolução intelecto-moral dos habitantes da Terra. A mediunidade se baseia, no mínimo parcialmente, nas propriedades do perispírito, que permite a ocorrência de significativo nível de “Telepatia” entre Espíritos encarnados e desencarnados. De fato, essa espécie de mediunidade basal, comum a todas as criaturas, é o que possibilita a obsessão bem como a chamada “inspiração superior” através da intuição dos protetores espirituais.

4. Pluralidade das Existências – Também chamada Reencarnação, Palingenesia ou Renascimento, a multiplicidade das vidas físicas é o mecanismo pelo qual a Lei de Progresso se manifesta na Obra da Criação. De fato, a sucessão de etapas nas esferas física e espiritual fornece, respectivamente, as provas e expiações (vida física) e a pausa para avaliação, estudo e preparação para novas experiências (vida espiritual). Uma única vida física seria totalmente injusta, pois os Espíritos nascem com capacidades claramente diferentes, vivendo em ambientes também distintos e morrendo com idades completamente diferentes. Além disso, a proposta tradicional de um “Céu” e um “Inferno” eternos após uma única vida física seria algo completamente artificial. Esse mecanismo seria cruel, injusto e profundamente incoerente com as características que a grande maioria das religiões atribui a Deus. Além disso, tal proposição nega um dos aspectos mais belos da Lei de Deus, que é a Evolução Espiritual. Interessante adir que lembranças de vidas passadas, que se dão tanto de maneira espontânea como de forma espontânea, evidenciam a realidade das várias reencarnações.

Somente a Fé Raciocinada proporciona uma efetiva aliança entre Ciência, Filosofia e Religião

5. Pluralidade dos Mundos Habitados – Jesus afirmou que “Há Muitas Moradas na Casa do Pai”. Realmente, segundo a Codificação, Deus não faz nada inútil, e, conseqüentemente, toda a sua Obra Universal deve ter uma função efetiva na Criação. Em verdade, tanto a Pluralidade dos Mundos Habitados como a Pluralidade das Existências estão profundamente relacionadas à Lei de Progresso. De fato, como o Espírito é imortal e evolui infinitamente, necessitará de várias experiências físicas em diferentes contextos de existência orgânica para atender a todas as suas requisições evolutivas. Logo, muitas reencarnações em diferentes mundos são necessárias para o cumprimento das múltiplas etapas espirituais.

6. Fé Raciocinada – Este princípio é um alicerce fundamental em toda a construção doutrinária de Kardec, pois não é possível a elaboração de um corpo de ideias com caráter realmente científico empregando raciocínios ilógicos, dogmas, atitudes fanáticas etc. Somente a Fé Raciocinada proporciona uma efetiva aliança tríplice entre Ciência, Filosofia e Religião.

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo V)

7. Lei de Causa e Efeito – Também denominada de Lei de Ação e Reação ou Lei do Karma, a correlação entre causas e efeitos é um piloto para a Evolução Espiritual dos Filhos de Deus. Realmente, tanto a justiça de Deus como a Lei de Progresso através da reencarnação têm nos mecanismos cármicos a sua ferramenta principal. Somente por meio da perfeita relação entre plantação e colheita é possível conceber a soberana Justiça Divina, pois “a cada um é dado conforme suas obras”, já que “Reconhece-se a árvore pelos frutos”.

Jesus é o ser mais perfeito que Deus nos ofereceu para servir de modelo e guia

8. Evolução Espiritual – A Lei de Progresso é uma das mais maravilhosas realidades reveladas pelo Espiritismo. O Espírito jamais retroage, sempre evoluindo para a Felicidade e para Deus. De fato, nada que é vivenciado pelo Espírito é perdido, pois a memória espiritual registra todos os eventos presenciados, permitindo que a chamada “Consciência” se torne o verdadeiro juiz de nós mesmos. Este profundo registro de vivências faz com que o Espírito jamais regrida, pois o ser espiritual não pode diminuir sua bagagem de conhecimentos e experiências. Pelo contrário, como esse acúmulo de informações é sempre crescente, na pior das hipóteses o Espírito “estacionará” evolutivamente, quando se deixar levar pela indolência e pelas más inclinações.

9. Moral de Jesus – A Questão 625, de “O Livro dos Espíritos”, nos ensina contundentemente que “Jesus é o ser mais perfeito que Deus nos ofereceu para servir de modelo e guia”. Portanto, a Moral de Jesus constitui o maior referencial ético que podemos eleger como diretriz comportamental visando a uma segura busca por espiritualidade. Obviamente, tal paradigma não está em oposição com outros grandes nomes da Espiritualidade, tais como Buda e Krishna, entre outros. Segundo Emmanuel, em “A Caminho da Luz”, todos os grandes missionários do bem constituem uma única falange de mentores e foram todos enviados pelo próprio Jesus, governador do planeta, para um processo sinérgico de evolução de toda a humanidade. Esta análise denota, uma vez mais, o completo absurdo de se cultivar rivalidades religiosas. A atitude ideal seria estudar todos os grandes mensageiros do amor e do conhecimento “examinando tudo e retendo o bem”.

Liturgias, indumentárias, símbolos, imagens e rituais são manifestações que demonstram primitivismo religioso

10. Verdadeira Religiosidade – O Espiritismo em sua busca racional pela Verdade supera fixações e preconceitos seculares de nossa tradição cultural. Por conseguinte, a Doutrina Espírita não chancela essas “bengalas psicológicas”, filhas de nossa cegueira espiritual, que se apresentam no meio religioso como mitos, dogmas e medos. Assim sendo, liturgias, indumentárias, uniformes, símbolos, imagens, rituais, profissionalismo religioso, sacerdócio religioso, entre outras, são manifestações que demonstram primitivismo religioso. O Espiritismo, propondo uma fé raciocinada para viabilizar o entendimento científico das Leis de Deus, prescinde de tais manifestações, pois o “Reino dos Céus está dentro de nós”. Logo, a verdadeira espiritualidade é conquistada a partir do conhecimento das Leis da Vida aliada ao Autoconhecimento, que possibilitarão a maturidade espiritual necessária para a aceleração do processo evolutivo que requer estudo, trabalho, consciência, caridade e fraternidade. Aliás, o próprio Emmanuel ao prefaciar sua excepcional obra “Fonte Viva” assevera “– reconheceremos sempre no Espiritismo o Evangelho do Senhor, redivivo e atuante, para instalar com Jesus a Religião Cósmica do Amor Universal e da Divina Sabedoria sobre a Terra”.

Os dez princípios básicos do Espiritismo só proporcionam uma introdução minimamente satisfatória ao Espiritismo se considerados de forma interligada e sob um estudo acurado das Obras Fundamentais de Allan Kardec. De qualquer maneira, tal apanhado é uma forma didática de se organizar ideias iniciais a respeito da Doutrina Espírita, bem como apresentá-lo de maneira

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo V)

breve a neófitos, curiosos, materialistas e adeptos de outras religiões que estejam interessados em obter algumas informações preliminares concernentes à Codificação.

Ressurreição ou reencarnação?

“Ninguém pode ver o reino de Deus, se não nascer de novo.” (Jo, 3,1-8)

Os termos são distintos e fundamentam filosofias religiosas divergentes. Os que acreditam no primeiro ignoram o segundo e vice-versa. Antes de mais nada, é necessário explicar o significado de cada um deles:

Ressurreição

A palavra ressurreição deriva do latim *resurrectio*, que é uma variação de *resurgere* e significa levantar-se, erguer-se novamente, ressurgir. Na linguagem bíblica, a ressurreição indica o retorno do espírito a um corpo considerado morto, ou seja, aquele que se foi volta a viver.

O caso de ressurreição de maior visibilidade é o que diz respeito a Jesus, o qual, segundo a tradição, ressurgiu dos mortos após o terceiro dia de sua crucificação, entretanto, este não é o único episódio de ressurreição descrito na bíblia.

Reencarnação

Já a definição de reencarnação, do latim *incarnare*, é o mesmo que retornar à carne, reassumir a forma humana. Para as doutrinas intituladas reencarnacionistas, o termo é utilizado para definir o retorno do espírito a um novo corpo, desta forma, um mesmo espírito submete-se a sucessivas reencarnações em corpos físicos diferentes.

Confrontando os Termos

Historicamente, comprova-se que os judeus acreditavam na reencarnação sem conhecer o mecanismo exato de como ela acontecia. Entendia-se, na época, que a alma poderia, de alguma forma, retornar à vida. Assim sendo, chamavam-na de ressurreição. Somente os saduceus não acreditavam na imortalidade da alma, defendendo a teoria de que tudo terminava com a morte.

Verificamos aí que, em algum momento da história, o significado dos termos colocados em estudo se confundem entre si.

Ressurreição e Reencarnação para o Espiritismo

O tema é amplamente discutido pela Doutrina Espírita, afinal, a pluralidade das existências (reencarnação) é um dos grandes pilares do Espiritismo. Encontramos a explicação dos Espíritos para este assunto em diversas obras, dentre elas, em “O Livro dos Espíritos” e “O Evangelho segundo o Espiritismo”.

Como sempre frisamos, a doutrina codificada por Allan Kardec defende a análise de todos os assuntos estudados de forma racional, evitando cair naquilo que chamamos de “é cega”. Levando em consideração este aspecto doutrinário do Espiritismo, a ressurreição interpretada no sentido correto da palavra é cientificamente impossível de se verificar. Um corpo físico, após a paralisação definitiva de suas funções (devida à constatação de morte), não é capaz de recuperar suas atividades fisiológicas, desta forma, não há uma possibilidade lógica de ressurreição.

Acerca da reencarnação, o Espiritismo entende que, para concluir o progresso moral e intelectual, o Espírito necessita de variados estágios no plano físico, fato que acontece através da pluralidade das existências. É pela lei da reencarnação que o homem se aproxima de Deus: ao “nascer de novo”, criam-se as condições de igualdade e de oportunidades para todos os Espíritos, desta forma, é possível compreender com clareza a citação de Jesus:

“Em verdade vos digo que ninguém verá a luz dos céus, se não nascer de novo”.

Vejam a elucidação dos Espíritos acerca do assunto em “O Livro dos Espíritos”:

166. Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?

“Sofrendo a prova de uma nova existência.”

A) — Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?

“Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal.”

B) — A alma passa então por muitas existências corporais?

“Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles.”

Há, entretanto, aqueles que se posicionam de forma contrária à reencarnação, alegando que seria uma grande injustiça resgatar em uma nova vida os débitos de existências pretéritas. Estes ainda estão convictos de que Deus reserva-nos um lugar para que aguardemos o dia do “Juízo Final”, onde acontecerá o julgamento definitivo, estando as almas absolvidas destinadas ao céu, se assim o merecerem, ou fadadas ao sofrimento eterno.

Outros, porém, creem que Deus é capaz de perdoar todos os nossos pecados e absolver-nos mediante nosso arrependimento. Para isso é necessário apenas pedir perdão, ou confessar a um sacerdote os pecados por nós praticados; e então, essa figura humana, também pecadora, haverá de impor uma penitência que fará com que nossos débitos sejam liquidados.

A resposta a essas considerações está contida na questão 171, ainda em “O Livro dos Espíritos”:

171. Em que se funda o dogma da reencarnação?

“Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”

Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.

Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.

Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele.

Podemos encontrar diversos apontamentos relacionados à reencarnação na própria bíblia. Uma das citações mais significativas diz respeito à narrativa de Jesus a seus discípulos, o qual afirma que Elias retorna como João Batista:

Seus discípulos então o interrogaram desta forma: “Por que dizem os escribas ser preciso que antes volte Elias?” Jesus lhes respondeu: “É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas. Mas eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes aprouve. É assim que farão sofrer o Filho do Homem”. Então, seus discípulos compreenderam que fora de João Batista que ele falara.

(Mt, 17,10-13; Mc. 9, 11-13.).

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo V)

A Ressurreição de Jesus segundo o Espiritismo

Como já citado anteriormente, a ressurreição, mediante os aspectos científicos, é improvável. Uma vez rompido os laços que unem a matéria ao espírito, não há mais a possibilidade de animação daquele corpo físico por qualquer espírito. Ainda assim, os mais religiosos alegariam: “Para Deus, nada é impossível”. E de fato não é mesmo, todavia, Deus jamais derogou sua própria Lei, por isso Jesus teve que passar por nove meses de gestação.

Para o Espiritismo, o aparecimento de Jesus a Maria e seus discípulos é justificado pela materialização do Espírito, fato que pode ocorrer com todo e qualquer Espírito desencarnado que queira e tenha condições de se tornar visível aos olhos físicos. Sobre esta questão, o apóstolo Pedro comenta:

“Sofreu a morte em seu corpo, mas recebeu vida pelo Espírito” (Pe, 3,18).

Jesus se mostrou em espírito e não em matéria como defendem as teorias ressurreicionistas. Algumas passagens bíblicas dão conta de que Jesus, após a “ressurreição”, aparecia e desaparecia subitamente; alguns discípulos o viam e outros não; e ainda adentrou em uma casa a portas trancadas. Todos esses fatos são alheios ao Espírito encarnado, entretanto, são perfeitamente normais aos Espíritos desencarnados.

Mas, então, onde foi parar o corpo de Jesus?

Existem várias teorias a respeito do desaparecimento do corpo de Jesus, algumas delas um tanto quanto absurdas. A hipótese mais lógica e apresentada por alguns historiadores foi a de que o Sinédrio furtou o corpo de Jesus Cristo para evitar que a sepultura do Nazareno tornasse um local de peregrinação entre os cristãos. Outra teoria aceita pelo Espiritismo é de que houve uma desmaterialização do corpo físico, fato provocado pela espiritualidade superior, a fim de que não houvesse um culto desnecessário ao corpo de Jesus, deixando de lado o espírito. A prova dessa desmaterialização estaria presente no Santo Sudário (véu que envolveu o corpo de Jesus após sua morte).

Curiosamente, nenhum dos evangelhos considerados canônicos pela Igreja está de acordo no que diz respeito à ressurreição do Carpinteiro de Nazaré. Não se sabe ao certo o que havia dentro do túmulo de Jesus, tampouco quem foram as pessoas que possivelmente testemunharam o ocorrido. Mateus, Lucas, Marcos e João apresentam versões diferentes sobre o assunto.

O fato é que Jesus ressuscitou em espírito, como acontece com todos nós após o desencarne. Deixamos o invólucro material que é transitório, para renascer na vida espiritual. Jesus se mostrou para aqueles que ficaram, a fim de reafirmar aquilo que pregou durante sua passagem no plano físico:

“Existe vida após a vida, pois a carne é perecível, mas o espírito é imortal”.

Referências:

1. **Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos.
2. **Kardec Allan**, O Evangelho segundo o Espiritismo.
3. **Bíblia** – Novo Testamento.

O porquê da Vida

96. Os antigos entendiam por metempsicose a volta da alma aos corpos dos animais. A reencarnação é muitas vezes designada pelo nome de “palingenesia”. Na opinião corrente, porém, o termo metempsicose conservou seu sentido restrito e pejorativo, embora se saiba que os espíritos rejeitam com energia toda hipótese de queda da alma na animalidade. (PP. 101 e 102)

97. Acreditamos, sim, na ascensão da alma e não no seu recuo. Nosso perispírito ou corpo fluídico, que é o molde do corpo material, não se presta às formas animais e essa razão por si só bastaria para tornar impossível uma tal regressão. (P. 102)

98. Embora tente denegrir a Doutrina Espírita, o padre Coubé reconhece, em artigo publicado na revista católica “L’ Ideal”, pág. 218: “A reencarnação não é por si mesma uma ideia ímpia e não parece intrinsecamente impossível”. “A reencarnação poderia, a rigor, conciliar-se com o dogma do céu cristão.”
(P. 102)

99. Ignora o referido padre que a ideia das vidas sucessivas imperava em toda a cristandade nos três primeiros séculos da era cristã e ainda hoje eminentes prelados a adotam. (P. 103)

100. A reencarnação está afirmada nos Evangelhos com uma precisão que não deixa lugar a dúvida alguma: “Ele é o Elias que há de vir”, disse o Cristo referindo-se a João Batista (Mateus, 11:14-15).

E ressalta também do seguinte diálogo: “Que dizem eles do Filho do homem?” Responderam-lhe os discípulos: “Uns dizem que é João Batista; outros que é Elias; outros que é Jeremias ou um dos profetas” (Mateus, 6:13-14 e Marcos, 8:28). Os judeus e com eles os discípulos de Jesus acreditavam, portanto, na possibilidade de que tem a alma de renascer em outros corpos humanos.
(P. 103)

101. O Evangelho é de uma notável clareza sobre esse ponto, como se vê ainda no diálogo de Jesus com Nicodemos e no episódio do cego de nascença. (P. 103)

102. A doutrina das vidas sucessivas, admitida por Platão e pela Escola de Alexandria, impregnava inteiramente o Cristianismo primitivo. Orígenes, Clemente e a maior parte dos padres gregos ensinavam a pluralidade das existências da alma. Ainda no século IV, São Jerônimo reconhecia que a crença nas vidas sucessivas era a da maioria dos cristãos do seu tempo. (P. 104)

103. Na realidade, a Igreja nunca se pronunciou sobre a questão das existências sucessivas, que continua aberta às possibilidades do futuro. Em todas as épocas, porém, membros eminentes do clero católico adotaram essa crença e a afirmaram publicamente. Foi assim que no século XV o cardeal Nicolau de Cusa sustentou, em pleno Vaticano, a teoria da reencarnação e a dos mundos habitados, com os aplausos de dois papas: Eugênio IV e Nicolau V. (P. 104)

104. G. Calderone, diretor da “Filosofia della Scienza”, de Palermo, publicou algumas cartas trocadas entre monsenhor L. Passavalli, arcebispo da basílica de S. Pedro, em Roma, e o sr. Tancredi Canonico, presidente da Suprema Corte de Cassação da Itália e católico convicto. Duas passagens de uma dessas cartas mostram que Passavalli admitia claramente a pluralidade das vidas do homem. “Quanto mais penso nessa verdade – assevera o arcebispo --, mais ela se me

O Livro dos espíritos – (Livro II – Capítulo V)

mostra grande e fecunda de consequências práticas para a religião e para a sociedade.” (PP. 105 e 106)

105. Da correspondência de Tancredi Canonico, publicada ultimamente em Turim, vê-se que ele mesmo fora iniciado na crença da reencarnação por Towiansky, escritor católico muito conhecido. Em carta datada de 30-12-1884 ele expõe as razões pelas quais acha que essa crença nada tem de contrária à religião católica, apoiando-se em muitas citações das Escrituras. (P. 106)

106. Verifica-se por todas estas citações que relativamente à reencarnação, como em relação aos fenômenos e suas causas, encontramos em face das mesmas contradições, das mesmas incertezas, para não dizer incoerências, da Igreja Romana. (P. 106)

107. Com respeito às demais religiões, notemos que 600 milhões de asiáticos, bramanistas e budistas partilham da mesma crença, de que partilharam também os egípcios, os gregos e os celtas. O Cristianismo primitivo, como visto, esteve dela impregnado até ao século IV e presentemente a encontramos mesmo no Islamismo, sob a forma de certas suratas do Alcorão. (P. 107)

108. Segue-se, desse modo, que a pluralidade das existências é ou foi admitida em todas as religiões, com exceção do Catolicismo e de outros ramos do moderno Cristianismo, que fizeram silêncio e mergulharam em trevas certas passagens da Escritura que afirmam as vidas anteriores. (P. 107)

Referência:

Denis Léon, O porquê da Vida.